

Texto Teórico

O conceito de papel social em Goffman

Autor: Vinicius Santucci Rossini
2º Semestre de 2013

Introdução

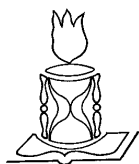
Uma das principais contribuições de Erving Goffman (1922-1982) para o campo das ciências sociais foi o conceito de “papel social”. Utilizando-se da metáfora teatral, Goffman elabora sua teoria das relações sociais cotidianas, usando um conjunto de termos, entre eles o de “papel social”. Segundo ele, qualquer situação pode ser entendida como atores que se utilizam de representações para causar uma impressão, sob controle, ao público. Para isto, o ator mobiliza diversos elementos em sua volta, seja nas roupas que utiliza, o modo de gesticulação e fala ou o ambiente em que esta inserida. Uma boa representação seria aquela em que o ator convence o público que está de fato representando seu papel social: um conjunto de deveres e representações pré-estabelecidas a certas posições sociais.

Este modelo de análise nos permite compreender as interações cotidianas entre os indivíduos, suas regularidades e regras. A vivência do dia a dia também pode servir como exemplificações do pensamento Goffmaniano, o tornando mais claro. Porém, para compreender a conceitualização criada por Goffman é preciso conhecer o ponto de partida e a contextualização de seu pensamento.

Goffman e o Interacionismo Simbólico: Objetivos e Perspectivas

Erving Goffman foi um sociólogo e antropólogo canadense, formado pelas universidades de Toronto e Chicago, posteriormente, ministrou aulas pela cadeira de sociologia e antropologia social nas universidades de Berkley e da Pensilvânia. O foco de seus estudos encontra-se na sociologia/antropologia cultural, tomando a civilização moderna e ocidental como campo de pesquisa. De forma geral, suas teorias dizem respeito à interação cotidiana entre os sujeitos.

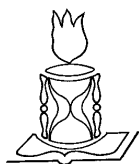
Comumente é enquadrado como um estudioso da microssociologia, ou da corrente sociológica do interacionismo simbólico. Tal corrente originou-se na escola de Chicago e teve



entre seus fundadores Hebert Blume e George Mead. O pensamento é marcado pelo foco na ordem da interação entre os indivíduos, tendo como base a sociologia Weberiana. As interações possuiriam uma lógica autônoma, tendo um sentido em cada ação. Portanto, aquilo compreendido entre os sociológicos por “sociedade” corresponde a um processamento de ações, segundo certa lógica, que constituiria o objeto de investigação sociológica. A corrente, todavia, não nega a existência de instituições sociais, caracterizando-as como cristalizações históricas da ordem das interações. Esta última, portanto, seria a responsável pela criação de procedimentos e arranjos utilizados na interação entre pessoas, não sendo nem determinada pelo social e nem determinante, apresentando-se como mecanismos ativados e reativados no emergir das interações. A proposta metodológica do interacionismo simbólico é a observação do cotidiano, da constituição e operacionalização dos mecanismos que ordenam as ações das pessoas durante uma interação. A vida cotidiana é a permanente criação e recriação de normas, não sendo algo externo e objetificado, mas sim, construído e modificado no interior das ações entre os homens. O objetivo do interacionismo simbólico é, portanto, a busca da compreensão do método pelo qual as regras de interações entre os agentes são estabelecidas.

Apesar de utilizar-se das perspectivas criadas pelos interacionistas, Goffman formula, ao longo de suas obras, divergências e críticas à corrente. Para ele, o fenômeno das interações está inserido numa estrutura, o foco da análise não deve ser, portanto, a ação cognitiva do indivíduo, mas sim a estrutura da experiência individual da vida social: “o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda, esses outros constituem a plateia”¹ a qual o ator deve convencer. A própria noção de “interação” evocada por Goffman, aponta esta distinção, podendo ser compreendida “como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros” (p.23) diferenciando-se dos “encontros”, que são definidos como interações onde ocorra um desempenho, ou seja, um empenho de um participante do encontro em influenciar os demais. Esta última modalidade seria o objeto de investigação de sua ciência.

Para entender a ordem das interações, é preciso levar em conta sua relação com a ordem social, não existindo oposição, ou hierarquia entre as duas esferas, mas sim uma ligação íntima. Toda interação, segundo o autor, realiza-se dentro de um “quadro de



interações”, que oferece aos agentes um pré-agenciamento de suas ações. Seja na organização do evento ou na impressão de um engajamento subjetivo na pessoa. Podem-se evocar exemplos para melhor ilustrar o conceito de “quadro da interação”.

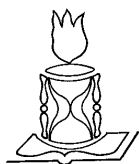
O “quadro de interação” de um congresso diferencia-se, por exemplo, do “quadro de interação” de uma festa. As expectativas de normas e condutas distinguem-se entre os dois eventos. Espera-se que numa festa as pessoas possam se movimentar livremente no espaço, dançar, falar alto e consumir bebidas alcoólicas; ações contrárias daquelas esperadas na participação de um congresso, onde a presença de uma pessoa alcoolizada causaria sérios constrangimentos aos participantes. A expectativa de um participante de congresso é, portanto, distinta da expectativa de um convidado de uma festa, ou de um atendente de supermercado, ou um aluno dentro da aula. O “quadro de interação” estabelece um horizonte de possibilidades, uma estruturalidade da ação, que ganha certa regularidade e previsibilidade. Mas, em cada evento, seja um congresso, uma festa ou uma aula, existem elementos inesperados e inéditos, tornando cada interação particular e distinta, levando Goffman a propor um “situacionismo metodológico” como método de investigação. Tal proposição evitaria ou suprimiria o paradigma sociológico da análise da sociedade versus a análise dos indivíduos, em outros termos: a proposta metodológica de Goffman pretende superar a oposição de estrutura/holismo x individualismo/atomismo.

Para a realização de sua proposta, Goffman desenvolve conjuntos conceituais, capazes de dialogar com as situações observadas, desenvolvendo assim, quadros metafóricos. Entre eles encontra-se a metáfora teatral, meio pelo qual introduz o conceito de “papel social”.

A metáfora teatral

Toda situação de interação, segundo Goffman, pode ser compreendida dentro de uma metáfora teatral, isto é, os elementos teatrais podem ser utilizados como metáfora aos conceitos presentes na interação. Uma pessoa interagindo com as demais pode ser compreendida como um ator que representa diante de um público. Seu objetivo é causar impressões sob controle à plateia, em outras palavras, numa interação, o ator deve convencer seu público de que, de fato, representa seu papel proposto. Segundo o autor:

¹ A representação do eu na vida cotidiana, pg 9.

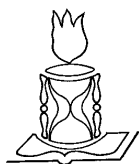


“A perspectiva empregada neste relato é a da representação teatral. Os princípios dos quais parti são de carácter dramaturgico. Considerarei a maneira pela qual o individuo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo, e as suas atividades à outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e sobre as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas.” (pg. 9)

Para causar tal convencimento, a pessoa deve mobilizar diferentes mecanismos e instrumentos, como a linguagem, os gestos, a postura, vestimentas, aparência e também a utilização do entorno, que pode ser entendido como um cenário, composto por elementos físicos mais estáveis.

Para que a representação se mantenha, é preciso que o ator seja bem-sucedido ao propor a definição da situação, necessitando que ela seja aceita por todos, mantendo assim, a estabilidade e prosseguindo a interação. Neste sentido, a mobilização dos elementos torna-se essencial para que o ator reproduza e convença sua plateia de que utiliza a “persona” correta ao papel social que tenta representar. Este conjunto de meios expressivos é denominado pelo autor como “equipamento de identificação”, que coletivamente criam uma máscara ou persona do ator, atuando num espaço que pode ser entendido como “palco”, em oposição ao espaço de preparação do “bastidor” e o espaço da “plateia”. A delimitação entre palco e plateia nunca é absoluta, e sim situacional. As posições entre ator e público estão em constantes mudanças, e muitas vezes, ocorrem simultaneamente. Ao mesmo tempo em que um ator representa para alguém, também observa a representação proposta por outrem. Aquilo que se “é” no palco se difere daquilo que se é nos bastidores e na plateia.

É importante esclarecer, também, que a existência de máscaras ou personas, não implica numa “falsidade” do ator perante seu público. A metáfora teatral de Goffman não tem como propósito admitir os agentes sociais como falseadores de identidades, pelo contrário, seu objetivo é permitir a compreensão das diferentes identidades a partir da linguagem do teatro. Não existe para o autor, portanto, uma verdadeira “persona” encoberta pelas demais, mas sim distintas máscaras mobilizadas em diversas situações de interações, ambas verdadeiras para o indivíduo. Para Goffman, a personalidade humana é definida nestas situações, onde os elementos performáticos são mobilizados. Uma pessoa é pai, filho, empregado, aluno, marido e etc, em diferentes situações cotidianas, mobilizando para cada uma, elementos próprios esperados pelo papel social distinto que cada posição ocupa. Agir

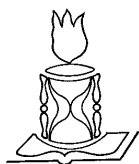


como pai é diferente de agir como filho ou aluno, o quadro de interação e as expectativas de cada posição são diferentes, requerendo personas e posturas distintas. Apesar de existir a possibilidade de encenação de um papel, que o próprio ator não acredita ocupar, empregando certa dose de “cinismo” na representação, existe, para Goffman, uma crença por parte do ator, do próprio papel por ele representado. Debaixo de uma máscara mobilizada, diria o autor, existiriam demais máscaras, não existindo um “eu” externo à persona e à representação cotidiana do papel.

A representação do eu na vida cotidiana e os papéis sociais

Em sua obra “A representação do eu na vida cotidiana”, Erving Goffman desenvolve vários conceitos de sua metáfora teatral, traçando sempre um paralelo com a realidade cotidiana observada. O conceito de “papel social” é um dos desenvolvidos ao longo da obra, sendo definido por Goffman como direitos e deveres ligados a uma determinada situação social. Retomando os exemplos passados, ser um pai é construir uma persona adequada para o papel social de um “pai”, que é diferente do papel social de um “empregado”, “aluno”, “professor”, dentre outros. Os papéis sociais preexistem a interação dos atores, sendo estabelecidos anteriormente pela estrutura social, cristalizações de interações historicamente ocorrentes e socialmente estabelecidas. A “sinceridade” ou “cinismo”, como anteriormente dito, não significam o forjamento de uma persona própria – já que é impossível agir sem uma persona – mas sim a crença ou não, do ator em ocupar, de fato, o papel social representado. É neste sentido que Goffman introduz outro termo, ligado a representações de papéis sociais: *illusio*, uma crença na legitimidade das interações e disputas. Apenas suspendendo a descrença e evitando o questionamento da lógica daquilo que está sendo representado, é que uma interação pode ser mantida. A *illusio*, portanto, é um condicionamento para que a interação seja estabelecida, um acordo espontâneo e mútuo entre as partes.

Porém, a sinceridade nem sempre está presente. Os papéis sociais nem sempre são escolhidos pelos atores, mas também impostos pela plateia. No caso de uma gravidez por acidente, por exemplo, mesmo que a mãe não esteja preparada ou queira de fato, ser mãe, a plateia esperará e cobrará atitudes ditas como “próprias de mãe”, correspondentes com o papel social ocupado pela posição de “mãe” dentro de nossa estrutura social. Apesar de não se

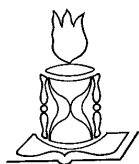


ver, ou se acreditar como mãe, a mulher deverá ter um desempenho que o público espera, “digno” de uma mãe, caso contrário sofrerá represálias, preconceitos e não será vista como uma figura materna. Esta procura pela representação adequada ao papel social assumido, também faz desenvolver técnicas na representação do “eu”, muitas das quais dedicadas a manutenção do controle expressivo por parte do ator.

Quando a relação entre ator e plateia sofre certa incompatibilidade, mecanismos de controle expressivo são “acionados” pelo ator, a fim de manter o convencimento do papel representado. Quando um médico desconhece a doença que aflige o paciente, dificilmente diria de tal modo, utilizando-se de divagações e termos técnicos, para não perder sua legitimidade como médico. Assim como no caso de uma reunião de alto escalão dentro de determinada empresa ou instituição, que mesmo tendo pautas genéricas ou pouco relevantes, mantêm a reunião entre poucos, para obter o controle expressivo de uma cúpula, onde se discute segredos empresariais, mesmo que estes não existam. Estas formalidades que garantem a manutenção da representação do papel são, na maioria das vezes, construídas e elaboradas nos bastidores, longe da vista do público. A divisão do espaço entre palco e bastidor apresenta-se como importante para o controle expressivo, pois, ao romper o bastidor, a legitimidade do papel representado fica ameaçada. Estes ocorridos se tornam evidente, por exemplo, nos casos em que câmeras amadoras gravaram políticos discutindo a campanha eleitoral, ou no caso onde Edir Macedo foi flagrado – por uma câmera escondida – orientando um pastor a como coagir os fiéis a pagarem dízimo². O caso evidencia o momento em que o bastidor se tornou público, demonstrando o cinismo por parte dos atores, que não acreditavam de fato no papel representado por eles, seja de representante da população ou de Deus.

Outro mecanismo de manutenção do controle expressivo é a idealização e reforço dos valores aceitos pelo papel representado, e a supressão ou minimização dos valores ou características contrárias. Deste modo, um intelectual poderia tentar idealizar sua erudição e esconder seus gostos ditos como “mais populares”. Numa sociedade machista – como a nossa – mulheres podem esconder seu conhecimento superior ao parceiro, a fim de evitar embaraços e quebra do papel social tradicional da mulher na sociedade, assim como se torna embaraçoso

² O caso ocorreu em 2007 e o vídeo ainda pode ser encontrado na internet, no seguinte link eletrônico: <http://www.youtube.com/watch?v=lorFR2GO9ml>



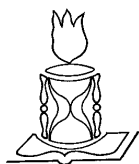
o gosto da mulher por bebidas alcoólicas e sexo casual, ao contrário do caso masculino, onde tais gostos são esperados pelo papel social tradicional do homem.

De modo geral, a construção da identidade do “eu” na representação de um determinado papel social se dá pela mobilização do equipamento expressivo pelo indivíduo, na construção de uma máscara ou persona, ou daquilo denominado por Goffman de “fachada”. A fachada é o conjunto dos elementos pelos quais a plateia é capaz de identificar e situar a representação do papel social proposto pelo ator. Deste modo, o ator mobiliza diferentes vestimentas, gesticulações, modo de se portar e falar diante seus interlocutores, conforme aquilo que quer representar. É possível, portanto, identificar fachadas padronizadas e cristalizadas institucionalmente, para a mobilização de muitos papéis sociais. O médico, por exemplo, comumente veste-se de branco, tem as unhas e cabelos bem aparados, um jeito calmo de se dirigir ao paciente. Uma prostituta, por sua vez, deve se fazer reconhecer pela mobilização da fachada ideal, utilizando-se de roupas adequadas e mantendo uma postura e ocupação do espaço condizente com o esperado pelo cliente, para que assim possa ser reconhecida. Advogados e empregados que circulam por órgãos públicos geralmente utilizam vestes sociais, mesmo que implique no desconforto de andar ao sol utilizando um terno.

Estigma e deterioração da identidade

Em seu livro “Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, Erving Goffman aborda o conceito de estigmatização. Compreendendo o “estigma” como uma marca de diferenciação visível no corpo, “espiritual” ou potencialmente revelável, o autor aborda o descrédito que tal marca traz na interação social.

Marcado por um estigma, o ator sofre dificuldades em trocar o equipamento de representação, criando uma autodesconfiança na capacidade de representar diversos papéis sociais. O estigma age como uma persona eterna, que dificulta a mobilidade entre diversas identidades e fachadas. Geralmente o estigma está ligado numa característica desviante do padrão, a cor da pele diferente da predominante, deficiências físicas ou mentais, obesidade, deformidades, traços de etnias minoritárias, dentre outras coisas. Estigma também podem se caracterizar por escolhas ou valores minoritários, compreendidos como desviantes, como o homossexualismo, bissexualismo, eremitismo, mendicância, entre outros. Alguns estigmas

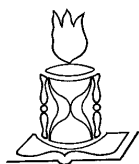


podem não ser evidentes, sendo entendidos como segredos ao seu portador, como a homossexualidade. Apesar de não estar à mostra, também restringe a mobilidade social do ator, já que o medo de ser revelado ou descoberto se torna presente em seu portador. Importante ressaltar que a revelação do estigma oculto não é a revelação do “verdadeiro eu” - que não existe na concepção de Goffman – mas sim a adoção de uma persona de estigmatizado. Assumir-se gay não é “revelar-se”, mas utilizar-se de uma máscara de homossexual.

Goffman também aborda as instituições totais como radicalizadoras da imobilidade identitária. Instituições como convento, prisões e manicômios são compreendidas pelo autor como sendo “totais”, isto é, que impedem que seus membros internos manipulem representações, pois são despojados de seus equipamentos de manipulação: o uniforme padrão, assim como o corte de cabelo e a rotinização da vida congelam as representações em um mesmo quadro de interações. A constante vigilância e a supressão dos espaços privados rompem a distinção entre o espaço do palco e do bastidor, impossibilitando a formulação de outras identidades, se não aquela imposta pelo papel social atribuído pela instituição: detento, freira/padre e doentes mentais, para se manter nos exemplos citados. A única identidade plausível de representação por parte dos participantes das instituições totais é aquela atribuída pelo gestor. No caso manicomial, a problemática torna-se mais evidente na existência de diversas taxonomias, nas quais os pacientes devem ser enquadrados, ou seja, cabe ao médico definir a identidade que determinado paciente levará ou não. Estas particularidades levaram Erving Goffman, com outros teóricos, como Michel Foucault, a participarem de um movimento antimanicomial, defendendo novos métodos de tratamento para os desvios psiquiátricos.

A aplicação da sociologia de Goffman e a noção de papéis sociais

O desenvolvimento da metáfora teatral para descrever as interações cotidianas permitiu a utilização das noções criadas por Goffman em diversas análises. Muitos pesquisadores aplicaram o conjunto conceitual criado pelo autor em diferentes temáticas, círculos e espaços de interação, tentando identificar particularidades e adaptando a visão Goffmaniana ao seu universo de estudo. Gerando, deste modo, um frutífero conjunto de



pesquisas úteis na exemplificação da mobilização dos mecanismos na representação de papéis sociais, além de servirem como exemplos da aplicação de uma teoria sociológica numa realidade cotidiana e observável.

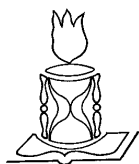
Papéis sociais estigmatizados

Em seu artigo, intitulado “Representações e identidades elaboradas por profissionais do sexo em um folhetim” Natália Ledur Alles³ aborda a construção de identidade de uma prostituta, mobilizada por um grupo de profissionais do sexo pela escrita de um romance em folhetim.

Partindo da fragmentação e multiplicidade identitária, encontrada na modernidade tardia – utilizando-se de Stuart Hall como referência – a autora discute como a identidade, ou papel social, de uma prostituta diverge dos demais. A expectativa do papel social ocupada por uma prostituta divergiria com demais papéis, também assumidos por elas em outras ocasiões, como o de mãe, chefe de família, companheira, consumidora, dentre outros. O papel social de uma garota de programa é estigmatizado, impedindo a representante de mobilizar-se em demais papéis, utilizar-se de outras personas. Mesmo quando ocupa um papel de mãe, ou de cliente em algum estabelecimento, a garota ainda será compreendida como uma prostituta, levantando expectativas atribuídas ao papel de garota de programa, que é desviante e estigmatizado. Deste modo sempre estarão sob desconfiança, serão ditas como imorais, desonestas e pervertidas, incapazes de assumirem compromissos sérios, cuidarem de filhos e terem responsabilidade, por exemplo.

O núcleo de estudos da Prostituição, situado na cidade de Porto Alegre/RS, realizou uma oficina de produção coletiva de uma história em folhetim, idealizada e produzida pelas garotas de programa atendidas pelo núcleo. A história escolhida por elas foi intitulada “Mariposa – uma puta história” e foi veiculada pela revista “O norte”. O folhetim conta a trajetória de uma prostituta fictícia, chamada *Fran*, em sua jornada de prostituição, mas também em seu convívio diário com a família e relações externas ao seu mundo profissional. Alles compreendeu, então, que o processo de construção identitária desta prostituta –

³ Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS .



realizada por prostitutas reais – se dá em oposição à persona construída pela grande mídia, em filmes e novelas, onde o exercício da prostituição, por si só, degradaria por completo a identidade da mulher. Observa-se, portanto, uma tentativa de destigmatização do papel social da garota de programa. Deste modo, a autora escreve:

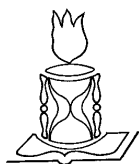
Ao elaborarem uma história que revela um olhar particular e aprofundado sobre um modo de vida de uma pessoa que trabalha como profissional do sexo, essas mulheres buscam a construção de uma nova representação social sobre o que é a prostituição, contestando a representação hegemônica que menospreza e estigmatiza essas profissionais. O relato enfatiza que ser prostituta é uma atividade como inúmeras outras, que tem como objetivo garantir um rendimento digno, mas que não é condição excludente para que esses sujeitos assumam as demais identidades.

(Ledur, 2008. p 79.)

Outro autor que investiga a prostituição é Néstor Perlongher em seu livro “O negócio do michê: A prostituição viril em São Paulo”. Nesta obra, ele procura caracterizar a prática da venda do corpo masculinizado na cidade de São Paulo. Identificando não apenas o modo pelo qual os michês constroem sua fachada, diferenciada da prostituição feminina e de travestis, mas também como a estigmatização de seu papel social influencia na vivência e nas interações em diferentes espaços.

Outro exemplo claro da estigmatização de papéis sociais encontra-se na pesquisa da historiadora Kety Carla De March, intitulado “Da virgindade ao estigma: construindo identidades de gênero”, que tem como objetivo discutir a manipulação da identidade de mulheres defloradas na região da Comarca de Guarapuava, centro do Estado do Paraná, entre os anos de 1932 e 1941. Na pesquisa a autora aborda a estigmatização de que foram vítimas tais mulheres, que, uma vez defloradas antes do casamento, adquiriram o papel de “impuras” “imprestáveis” e “não dignas”, causando restrições para seu convívio e estabelecimento de novas interações. O hímen rompido funcionava como um estigma oculto, o qual a mulher poderia tentar esconder. A autora conclui que:

O conceito de identidade – plural e móvel – está relacionado às representações que a sociedade formula sobre o indivíduo ou grupo social. Falar em identidade é falar em diferença, em oposição binária que relega a um grupo o status de detentor da norma e ao



outro o de desviante. A identidade negativa do desviante é, portanto, forjada pelo próprio indivíduo, a partir das representações sociais. Mas esta pode ser manipulada ou escondida diante de um símbolo não visível, como um hímen rompido. (...) ao infringirem as normas impostas a essas mulheres – aqui tendo a infração de uma regra normativa em que a virgindade da mulher solteira era um emblema que representava sua moralidade – elas passavam a ser representadas e identificadas como a oposição ao modelo de mulher “ideal”.

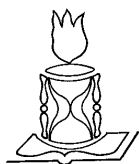
(MARC, 2009 , p.103-120)

Tal temática pode abrir reflexões sobre a construção identitária do papel da mulher em nossa sociedade, além de um possível questionamento: operaria o sexo feminino como uma espécie de estigma em si mesmo? Tendo a mulher seu universo de possibilidades representativas limitadas pelo sexo e levando, na maioria dos casos, descrédito em relação à representação masculina. A identidade feminina parece entrar em conflito com diversas outras possíveis, não apenas com papéis sociais historicamente atribuídos aos homens, mas também com outras representações que acabam sendo compreendidas como “desviantes” do papel social clássico da mulher ideal em nossa sociedade.

Mobilização de elementos na criação do “eu” virtual

Recentemente, grande quantidade de pesquisadores apropriou-se da metáfora teatral de Goffman para tentar explicar os processos de construção identitária, dentro do ciberespaço da internet. As recentes mudanças tecnológicas e a popularização da rede de computadores, como meio comunicacional e forma de lazer, levantaram o questionamento sobre sua utilização na construção de um corpo virtualizado do usuário. Os elementos estão mais acessíveis ao ator, que pode não apenas assumir o papel social comumente atribuído a ele, como facilmente inventar papéis impossíveis a eles, como a troca de idade, sexo ou nacionalidade, superando as limitações impostas pelo corpo físico e suprimindo possíveis estigmas existentes. A internet, como ferramenta de criação de um “eu”, é objeto de diversas pesquisas.

Maria Elisa Máximo, em seu artigo “O eu em cena, o eu em rede” disserta como a construção de blogs são utilizados na produção de uma performance em rede, uma construção do indivíduo no ciberespaço. Segundo ela desde a fachada do blog, como o cabeçalho, o



layout da página, a imagem de fundo, até o conteúdo postado, a biografia do autor e demais elementos, são utilizados como forma de criar uma corporalidade individual no ciberespaço. Nos blogs são realizados jogos performáticos, em que os atores mobilizam os elementos disponíveis na construção de um “eu”.

Movidos por um desejo de ser visto, de se colocar em evidência, os blogueiros encenam a si mesmos e ao seu cotidiano. Eles nos colocam, assim, no terreno das identidades e subjetividades contemporâneas, apontando para uma “crise da interioridade” – reduto da individualidade do “homem moderno”.

(MÁXIMO, 2008. Pg 6)

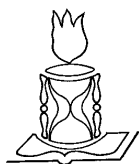
Vale ressaltar que, segundo a autora, as práticas de atuação na construção do blog não projetam um “eu” no ciberespaço, ao contrário, elas criam uma personalidade, uma máscara própria do ator em rede. É a construção do indivíduo no ciberespaço.

Semelhantes abordagens também estão sendo realizadas em outros países, sobretudo nos Estados Unidos. Em seu artigo “Presentation of Self on the Web: an ethnographic study of teenage girls’ weblogs”, *Education, Communication & Information*, Sevick Bortree aborda a construção identitária das garotas blogueiras e a contradição enfrentada por elas de criar um espaço privado, que fala de si mesmo e de suas interações num ambiente que é, ao mesmo tempo, global e acessível a todos. Em um trabalho semelhante, Shanyang Zhao realiza uma investigação da utilização do Facebook como mecanismo de criação de representações.

Tais pesquisas apontam a abrangência da teoria das representações de Goffman, servindo como embasamento teórico no estudo de diversas áreas de interações. Também são úteis na exemplificação e reflexão da vida cotidiana, já que a internet se faz, cada vez mais, presente no dia-a-dia das pessoas.

A representação social na arte

Por fim, pode-se ainda identificar mais um campo em que as teorias de Goffman são utilizadas: a arte. Em seu artigo “A representação do ‘eu’ na interação com o ‘outro’”:



Uma análise do documentário Edifício Master⁴, Marine Souto Alves e Cláudio do Carmo Gonçalves dissertam sobre a múltipla representação dos atores diante das câmeras e dos demais moradores do edifício. Registrando o cotidiano dos moradores, o documentarista conseguiu registrar histórias e passagens de vida, expondo as diferentes representações mobilizadas pelos documentados. Segundo os autores:

A presença do cineasta, sua câmera e a equipe de produção diante de uma pessoa comum disparam um movimento que não estava presente no real cotidiano dessas pessoas, o que cria o “acontecimento filmico” em si. O filme proporciona, então, a reflexão sobre a impossibilidade de se filmar o real, que está em constante transformação. O que se filma é a interação, pois mesmo quando se tem como objetivo a verdade dos fatos, a presença da câmera já interfere no real, por isso é que, “para muitos acontecimentos sociológicos, pode nem mesmo ser necessário decidir qual a mais real, se a impressão criada ou a que o ator tenta impedir que o público receba”⁵

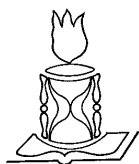
(ALVES e GONÇALVES, 2009)

A multiplicidade de identidades também está presente na análise do romance “*Viver com os outros*” de Isabel da Nóbrega, realizada por Maria Elvira Brito Campos, em seu ensaio “*A representação do “eu” no romance Viver com os outros: depurando subjetividades*”. Nele a autora aponta as diferentes formas de representação operadas pela personagem Ana, as divergências entre seu pensamento subjetivo e suas falas perante outros personagens.

Estes exemplos servem de inspiração na investigação de padrões representativos em obras de ficção, e no campo artístico como um todo. Seria possível, por exemplo, identificar mecanismos de representação em letras de músicas, a criação da fachada de um personagem em gravuras e quadros, elaboração de identidade dos personagens em romances, história em quadrinhos, dentre outras coisas.

A teoria teatral de Erving Goffman, sobretudo seu conceito de representação de papéis sociais, oferece, portanto, múltiplas vias para o estudo de casos cotidianos de interações entre pessoas. Compreendendo seu propósito analítico e seu conjunto de conceitos, é possível a aplicação e investigação dos mesmos no mundo social que nos cerca. O estudo da vida

⁴ Documentário dirigido por Eduardo Coutinho no ano de 2002.



cotidiana se caracteriza como importante material na compreensão do pensar sociológico, oferecendo a oportunidade da prática sociológica do olhar crítico em nosso dia-a-dia. Preenchendo, deste modo, parte dos propósitos do ensino de sociologia: o desenvolvimento da capacidade de atuação crítica junto à realidade observada, mediante a apreensão do pensamento sociológico.

Bibliografia:

ALVES, M. Souto e GONÇALVES, C. Carmo. “A representação do ”eu” na interação com o “outro”: uma análise do documentário edifício máster, de Eduardo Coutinho” in IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Bahia, 2009.

ALLES, N. Ledur, “Representações e identidades elaboradas por profissionais do sexo em um folhetim” in Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 7, n. 14, jul./dez. 2008.

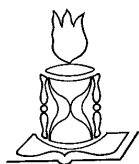
BORTREE, D. Sevick. “Presentation of Self on the Web: an ethnographic study of teenage girls’ weblogs”, Education, Communication & Information, Vol. 5, No. 1, March 2005.

CAMPOS, M. E. Brito. “A representação do ”eu” no romance Viver com os outros: depurando subjetividades” in Navegações v. 5, n. 1, p. 48-55, jan./jun. 2012.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. “Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” trad. de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Itc, 1988.

⁵ Citação introduzida pelos autores à partir de GOFFMAN, 1999: 66



MARCH, K. Carla “Da virgindade ao estigma: construindo identidades de gênero” in Guairacá - Guarapuava, Paraná n.25 p.103-120 2009.

MÁXIMO, Maria Elisa. “O eu encena, o eu em rede: um estudo etnográfico nos blogs”. In *Civitas*, Porto Alegre, 2007 p. 25-47.

NUNES, João Horda. “Interacionismo simbólico e dramaturgia: a sociologia de Goffman”. Editorial Humanitas, Editora UFG; Goiânia/GO, 2005.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. *O Negócio do Michê – A prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

ZHAO, Shanyang. “Identity construction on Facebook: Digital empowerment in anchored relationships”, *Computers in Human Behavior* 24. Estados Unidos, 2008.